

REFLEXOS DO ENSINO DE GRAMÁTICA NORMATIVA EM DISCURSOS DE INTOLERÂNCIA NAS REDES SOCIAIS: ALGUNS TÓPICOS DE ANÁLISE DO DISCURSO SOB A PERSPECTIVA DO CÍRCULO DE BAKHTIN

Jonathan Bernardo Menger ¹

Resumo: Definir “língua” é tarefa bastante complexa e, quando envolvida nos atos discursivos diários, sua conceituação se torna ainda mais difícil. Sabe-se que são muitas as vertentes da linguística e da gramática que a teorizam, e se compreende que, sendo um fato, o indivíduo pode utilizá-la com vários propósitos, até mesmo para atribuir estereótipos a outros usuários, em função do uso que fazem dessa faculdade. Desta forma, o presente artigo visa à discussão do que se concebe como língua e, além disso, do que se reflete e se refrata de sua ideia, no discurso dialógico nos meios de atividade em que esse fenômeno acontece, principalmente nas redes sociais, contexto sobre o qual se baseia a metodologia deste trabalho. Pensando-se em alguns tópicos da teoria bakhtiniana, foram compiladas para análise algumas imagens da página Língua Portuguesa, no Facebook, objetivando constatar o discurso de preconceito e pedantismo como reflexo de outros discursos anteriores, a exemplo do fazer docente e do dizer teórico nas gramáticas normativas. Perante as observações, acredita-se que o ensino de gramática seja grande porta-voz no dizer e no fazer do professor, que leva o ensino da variável normativa ao aluno, trazendo-lhe reflexos em suas ações cotidianas, com noções de certo e errado. No entanto, é possível que haja mudanças significativas, no momento em que a língua for repensada não apenas como sistema de normas, mas também como atos discursivos individuais e incessantes que fazem parte da organização socioideológica em que se inserem.

Palavras-chave: Língua. Redes sociais. Preconceito. Ensino. Discurso.

Introdução

Observando-se a gama de variedades e possibilidades que a língua, como fenômeno discursivo, oferece ao seu falante, a discussão no presente artigo se baseia nos propósitos com que ela é veiculada nas redes sociais, a exemplo do Facebook, por meio do discurso de intolerância linguística nas postagens e nos comentários dos seguidores da página “Língua Portuguesa”, sugerindo que tais reflexos são frutos do ensino de gramática normativa na escola. A metodologia do trabalho se deu por meio da coleta de imagens extraídas da página a partir de alguns tópicos que abordam sobre língua, guiados pela norma-padrão.

Com embasamento teórico na contribuição de alguns estudiosos da linguagem, o texto é construído de modo a enfatizar a ideia de se tratar a língua não como objeto pronto e acabado, como sistema, mas sim, como um fenômeno ocorrente nas variadas atividades humanas em que o discurso é o principal promotor da comunicação. Para isso, tanto na breve revisão literária

¹ Mestrando em Linguística no programa de pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUCRS. Email: jonathan.menger@acad.pucrs.br

como na análise de material coletada, utilizam-se as ideias linguístico-filosóficas do círculo de Bakhtin, que inovam os estudos na área da linguagem no século XX e se tornam ainda hoje atuais, pela consistência de sua abordagem.

Critica-se no texto a atuação do professor em conjunto com a escola, ambos como possíveis atuantes na propagação da visão estruturalista e formal de língua, bitolando seus alunos e fazendo, direta ou indiretamente, com que tomem posições negativas no trato do discurso alheio, o que, infelizmente, reflete em práticas de intolerância, preconceito e pedantismo no contexto social. No tocante a esse problema, acredita-se que sejam possíveis reflexões desse fenômeno sob a perspectiva do ato discursivo num todo que integra as relações humanas em sociedade.

O que se concebe por língua

Ao se falar em língua, muitas são as análises, os pontos de vista e as concepções tomadas na sua definição, algumas embasadas por referências a estudos que se prestaram a analisá-la, outras, pelo conhecimento empírico nas atividades dialógicas. Na própria história da linguística, por exemplo, pode-se considerar SAUSSURE (2002), dizendo que a língua nada mais é que um fato social cujos valores adviriam de uma convenção desse sistema. Por outro lado, CHOMSKY (1986) postula que ela seria um sistema inscrito no cérebro humano, e inicia seu texto, ao citar Leibniz, dizendo que "as linguagens são os melhores espelhos da mente humana" (LEIBNIZ, 1946 apud CHOMSKY, 1986, p. 1). Linguistas mais recentes, como LABOV (2010), caracterizam-na como fator social, em que o indivíduo é o principal agente pelas mudanças ocorridas, em um conjunto social e heterogeneamente organizado. Sendo assim, na tentativa de definição desse *corpus*, há variadas significações, o que torna complexo tentar defini-la, em vista de seu caráter diversificado.

Contudo, no dia a dia, não é propósito dos falantes pensarem em conceito de linguagem, já que ela se dá como um fato, uma atividade recorrente. Mas, quando pensada e analisada, pode ser tomada como ponto de partida para posteriores intolerâncias em relação à fala alheia, por meio de representações que categorizam o outro por seu discurso, das quais falantes

se valem para posteriores julgamentos e críticas. Daí convém salientar que grande parte dessa ideia sobre a língua, muitas vezes, encontra raízes no que se aprende na escola, lugar em que a norma-padrão recebe grande valorização, pois é nesse contexto em que o falante de língua materna passa a conhecer o sistema padrão de códigos como variável a ser prestigiada em determinados meios. Assim, argumentos tendenciosos em sua concepção, quando postos em discursos de pedantismo e assédio linguístico, acabam por se tornar falaciosos, uma vez que o conceito a ela atribuído é limítrofe, incorrendo na carência de subsídios em estudos, a exemplo dos de embasamento funcionalista, para esclarecer e explicar o fenômeno do discurso em si.

Reflexos do ensino de gramática em discursos pedantes e preconceituosos

Quando o assunto é língua, assim como muitos outros no dia a dia, há a respeito diversas nuances, e pode, devido a isso, alguém fadá-la a argumentos falaciosos e desprovidos de base teórica, quando a concebe inadequadamente, sem algum referencial. Parte disso se observa em vários ambientes, sejam eles virtuais ou reais, em que ela, em seu uso natural, põe a discriminações de todos os tipos seus falantes no ato do discurso, em que os outros, baseando-se em noções de correto ou incorreto, cometem atos de assédio simplesmente por se nortearem por ideologias que refletem a língua como objeto único e acabado. Existem várias hipóteses dessa ocorrência, mas acredita-se que uma delas esteja arraigada nos referenciais transmitidos pela escola, como sistema promotor do conhecimento formal e científico, porque é nesse ambiente em que se aprende outra variável – a norma-padrão – além da qual já domina. Desta forma, a língua acaba por se tornar objeto, e não ato discursivo, pois, a depender de seu uso, é capaz de posicionar o falante em camadas sociais e, até mesmo, colocá-lo em posições depreciativas, à luz de um ideal abstrato.

Assim, é importante salientar que o ensino de língua, no ambiente escolar, em muitos momentos é reforçado sob ponto de vista normativo. Embora os PCN's observem a necessidade de se trabalhar a Língua Portuguesa (LP) por um viés crítico, sabe-se que, infelizmente, muitos

profissionais acabam por seguir um sistema conteudista de ensino, em que têm lugar privilegiado as regras gramaticais, em grande parte das vezes. Em geral, o professor de LP, arraigado a pilares preservados pela gramática tradicional, torna-se preconceituoso, no momento em que passa a ignorar os fatos, deixando-se levar por abstrações ditas como corretas pelos manuais. Isso também tem reflexos nos cursos de licenciatura. BAGNO (2008) menciona o problema, ao comentar que “o resultado é que os estudantes de Letras saem diplomados sem saber linguística, sem saber teoria e crítica literária e sem saber escrever um texto acadêmico com pé e cabeça”. Infelizmente, não reconhecem essa questão como obstáculo, uma vez que estudos atuais de linguagem no ambiente educativo não se efetiva como aqueles que substituem conteúdo pela forma. BAGNO (2002, p. 61) enfatiza essa questão, dizendo que

Em livros didáticos de Biologia, Física, Química, História, Geografia, etc., é comum a gente encontrar afirmações do tipo: “Durante muito tempo se acreditou que [...], mas os avanços da pesquisa e da tecnologia revelaram que [...]”. [...] Isso só não acontece nas aulas de língua! Os termos e conceitos da Gramática tradicional – estabelecidos há mais de 2.000 anos! – continuam a ser repassados praticamente intactos de uma geração de alunos para outra, como se desde aquela época remota não tivesse acontecido nada na ciência da linguagem.

Desta forma, nas aulas de LP, deveria ocorrer uma atuação mais eficiente do professor, profissional do qual, infelizmente, na maioria das vezes, não se obtém muito êxito, no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem. Como não se resgata a bagagem de conhecimentos da qual o discente já vem munido desde sua aquisição da língua materna, muitas aulas tendem ao fracasso. Por isso, torna-se importante que se obtenha uma aproximação entre o conhecimento e a prática, no que diz respeito não só ao ensino de gramática, mas também à compreensão e reflexão sobre os usos linguísticos diários.

Questões assim recaem no dizer e na disciplina, os quais estão distantes um do outro, à luz do dizer e do fazer do professor. Contudo, só será possível essa aproximação no momento em que a formação docente mudar para haver a reflexão de que se deve inovar o ensino de língua, despertando a

vontade dos alunos em entender a cultura e o seu funcionamento. Conforme SCHWINDT (2009, p. 221):

[...] Nem todas as coisas que sabemos sobre uma língua são aprendidas, mas, ao contrário, que grande parte delas faz parte de nosso conhecimento [...] de internalizado. [...] Meu ponto de vista é o de que não é possível discutir ensino de língua de um jeito sério separado dessa formalização.

A linguagem dos discentes corresponde a um vernáculo, e não a uma utopia de língua. BAGNO (2007) comenta que, além da função social que o professor exerce num ambiente de ensino, há uma questão pedagógica nos livros didáticos que visam majoritariamente à discussão de normas da LP, tornando sua aprendizagem ainda mais bitolada. Não obstante, Bagno ainda propõe respostas a supostas perguntas sobre como poder lidar com esses fatores em sala de aula, dizendo que “por mais que isso nos incomode, temos que aprender a conviver com essa realidade, sobretudo se quisermos desempenhar bem nosso papel na reeducação sociolinguística dos nossos alunos” (Ibid, p. 114).

A reflexão é necessária para quebrarem-se paradigmas no ensino e para colherem-se futuros reflexos de criticidade. Há a necessidade de se trabalhar com o concreto, com o real, pois é com isso que os alunos têm contato vivo e diário. “Já não dá para assumir a velha postura dos professores de antigamente, que não admitiam absolutamente nenhuma alternativa às prescrições linguísticas contidas nos manuais normativos” (Ibid, p. 114). Acredita-se que um ensino mais adequado, tangente à (trans) linguística e à pedagogia moderna, seria aquele capaz de criar elos entre professor e aluno em sala de aula, promovendo uma aprendizagem de maneira coerente com aquilo realmente vivenciado pelos educandos; caso contrário, poder-se-ia dizer – de acordo com BAGNO (Ibid, p. 17) – que “não conseguimos ainda construir uma pedagogia adequada a essa área”.

Infelizmente, essa “utopia” de ensino de Língua Portuguesa, que aborde todas essas variedades linguísticas e essa heterogeneidade discursiva, ainda não tem resultados conclusivos – e, talvez, tenha somente a longo prazo –, já que muitos professores procuram cada vez mais por aperfeiçoamento na área, mas acabam por ignorar esses aspectos, fazendo com que as

metodologias, inevitavelmente, continuem estagnadas, sem expectativas de melhora. Reflexões e práticas pedagógicas desse tipo se fazem importantes, uma vez que a comunicação, a compreensão, enfim, o convívio social, estão inteiramente ligados.

Claramente, é interessante salientar que não só o sistema de ensino é totalmente responsável por reverberar negativamente em aspectos de preconceito linguístico e pedantismo gramatical no uso diário da língua. Tem-se a mídia à disposição de muitos, e ela também serve como um alvo potencial na manipulação da linguagem; têm-se também os discursos alheios, daqueles que não necessariamente sejam escolarizados; entretanto, utiliza-se aqui a escola como uma das bases de desenvolvimento ideológico, principalmente devido ao fato de ter bastante impacto na formação e compartilhar de vieses mais teóricos, como os argumentados aqui, de base gramaticais.

Ao se falar em preconceito linguístico, pensa-se também em pedantismo gramatical, duas abordagens próximas – ainda que diferentes – no que tange à significação, principalmente ao se referir àquilo que se concebe como língua. Segundo FERREIRA (2009, p. 617), “pedante” significa “que ou quem se expressa exibindo conhecimentos que não tem, ou é vaidoso, pretensioso”. De forma bastante semelhante, o dicionário virtual Priberam da Língua Portuguesa conceitua essa palavra como “que mostra modos de dizer ou de fazer forçados ou pouco naturais [...]”. De outra mão, BAGNO (2002, p. 9) comenta que “o preconceito linguístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa.” Isso causa reflexos um tanto que negativos na sociedade, uma vez que os falantes, ao se basearem nos discursos da mídia e, fortemente, nos do professor e nos dos livros didáticos, dividem os falares em cultos ou coloquiais, de prestígio ou sem prestígio etc. Isso corrobora com o que fora argumentado antes, e pode ser constatado, novamente, ao ler as palavras de Bagno, quando disserta que

o que vemos é esse preconceito ser alimentado diariamente em programas de televisão e de rádio, em colunas de jornal e revista, em livros e manuais que pretendem ensinar o que é “certo” e o que é “errado”, sem falar, é claro, nos instrumentos tradicionais de ensino da língua: a gramática normativa e os livros didáticos. (BAGNO, 2007, p. 13).

Embora utópico pensar assim, é necessário que essa cadeia promotora do preconceito por meio da avaliação de correto ou incorreto seja interrompida, pois se sabe que as relações interpessoais são instáveis e, em vista disso, deixam-se influenciar sempre por outros novos discursos.

A língua como ato discursivo

Embora tenham existido correntes tanto gramaticais quanto linguísticas que tratassem a língua com a ideia de sistema subjacente, organizado, estruturado, sabe-se que, ao vivenciá-la, torna-se difícil concebê-la estritamente como código. Isso porque ela se faz de várias tonalidades, fazendo com que se torne incessante e inacabada nas relações dialógicas. A língua não só é utilizada como norma de escrita. Uma vez que encontra seu uso na fala, ganha a metáfora de um arco-íris cujas cores, embora pareçam tão óbvias, nada mais são que a mistura de várias outras nuances.

Sendo assim, a língua é viva e se faz, antes de tudo, no ato da enunciação, na vida do ser. Desta forma, o locutor é o principal agente e, conforme BAKHTIN (1981, p. 68),

para o locutor o que importa é aquilo que permite que a forma linguística figure num dado contexto, aquilo que a torna um signo adequado às condições de uma situação concreta dada. Para o locutor, a forma linguística não tem importância enquanto sinal estável e sempre igual a si mesmo, mas somente enquanto signo sempre variável e flexível.

Condenando fortemente por correntes do objetivismo abstrato, Bakhtin denota que a linguagem é instável porque se instala nas mais variadas atividades humanas e, por isso, está em constante movimento. Corroborando com o que já tivera sido dito anteriormente, que o ser humano não necessariamente pense a língua, sendo ela espontânea e fruto das interações sociais, o autor acentua, portanto, que a língua é discurso e só tem sentido por si só porque é representativa e simbólica em uma determinada situação.

O autor – ainda que compreenda a dificuldade de designação da problemática entre infraestrutura e superestrutura, em se tratando de camadas

sociopolíticas – frisa ser importante a discussão, uma vez que compreende a formação da sociedade como a formação da palavra. Ele a aborda como sendo uma demarcadora positiva nas mudanças sociais e, por conseguinte, compara as relações de produção à infraestrutura e as de linguagem, à superestrutura, evidenciando que a expressão sógnica, por pertencer ao universo da psicologia social, tem valor ideológico. Nessa ideia, o discurso, portanto, passa a ter cunho político em seu uso, ao passo que

As relações de produção e a estrutura sócio-política que delas diretamente deriva determinam todos os contatos verbais possíveis entre indivíduos, todas as formas e os meios de comunicação verbal: no trabalho, na vida política, na criação ideológica. Por sua vez, das condições, formas e tipos da comunicação verbal derivam tanto as formas como os temas dos atos de fala. (Ibid, p. 29).

Sabendo-se da problemática do conservadorismo estruturalista frente a questões de língua como ato discursivo, Bakhtin faz crítica ácida a modelos que partem do princípio de língua como norma. Sem a pretensão de defini-la em conceitos, indica metodologicamente reflexões sobre o objeto da filosofia da linguagem, no uso concreto do discurso, dividindo em tópicos duas tendências do pensamento filosófico-linguístico – o subjetivismo individualista e o objetivismo abstrato. Partindo desse ponto, o autor aborda aquele como “pelo ato da fala, de criação individual, como fundamento da língua (no sentido de toda atividade de linguagem sem exceção)” (Ibid, p. 51) e este como algo que “[...] situa-se, ao contrário, no sistema linguístico, a saber o sistema das formas fonéticas, gramaticais e lexicais da língua” (Ibid, p. 55). Para ele, a língua é um processo criativo, de atos discursivos individuais, em que as leis psicológicas nessas ações são advindas da criatividade linguística. Desta forma, ela se torna consciente, e não se baseia meramente num sistema pronto e abstrato, ao contrário do que acredita o objetivismo abstrato, que a concebe como sistema fechado e imóvel de formas idênticas, contrariando os valores criativos. Como seu texto filosófico trata da importância do ato discursivo individual como potencial no meio de circulação dialética, e por ser esse fenômeno, a linguagem, inconstante e mutável, faz crítica às ideologias neogramaticais, as quais têm os atos discursivos como reflexos das formas normativas. Bakhtin,

portanto, considera como concreto o seu uso nas relações dialógicas, uma vez que “todo procedimento abstrato, para se legitimar, deve ser justificado por um propósito teórico e prático preciso. Uma abstração pode ser fecunda ou estéril, útil para certos fins e determinadas tarefas e não para outras” (Ibid., p. 70). As relações dialógicas não são lógicas, e o discurso é a língua em ação; o ato discursivo é capaz de extrapolar os limites tanto da linguística quanto da gramática.

Para BAKHTIN (2016), as palavras, assim como as orações, são neutras, ou seja, elas têm expressividade apenas quando são contextualizadas. Por conseguinte, as palavras ganham vida apenas quando situadas em determinado discurso – o que, inclusive, desembocam-se no estilo e no gênero. Ao ganhar vida, elas podem ser utilizadas para determinados fins, criando a tensão dialógica, uma vez que a palavra alheia, baseada previamente em outros discursos, requer responsividade ativa. Desta forma, ao se pensar em discursos de ódio e de preconceito, depreende-se, por conseguinte, que eles estejam arraigados em outros que, por crença ou instrução, já foram direcionados, aberta ou veladamente, direta ou indiretamente, para tais fins. Como comentado anteriormente, retoma-se como exemplificação a gramática normativa que, numa tentativa de descrição do uso real da língua, impõe aos falantes, principalmente em momentos mais formais, a utilização de regras contidas e fechadas num sistema cujas únicas noções são as de certo ou errado. Na dialogia incessante da comunicação interpessoal, a depender da escolha dos recursos linguísticos disponíveis, pode-se ou ganhar *status* de privilégio ou de inferioridade, frente a determinados contextos nos eventos de fala. Conforme as palavras de Bakhtin (Ibid, p. 298),

A expressão do enunciado, em maior ou menor grau, responde, isto é, exprime a relação do falante com os enunciados do outro [...]. As formas das atitudes responsivas, que preenchem o enunciado, são sumamente diversas e até hoje não foram objeto de nenhum estudo especial. [...] Por mais monológico que seja o enunciado (por exemplo, uma obra científica ou filosófica), por mais concentrado que esteja no seu objeto, não pode deixar de ser em certa medida também uma resposta àquilo que já foi dito sobre dado objeto, sobre dada questão, ainda que essa responsividade não tenha adquirido uma nítida expressão externa: ela irá manifestar-se na tonalidade do sentido, na tonalidade da expressão, na tonalidade do estilo, nos matizes mais sutis da composição.

Em *Questões de estilística no ensino de Língua*, BAKHTIN (2013), ao comentar sobre uma pesquisa de campo que fizera em sala de aula com orações subordinadas reduzidas e desenvolvidas, trouxe também algumas reflexões a respeito do ensino de língua que contribuem bastante para a discussão sobre norma *versus* discurso. De forma bastante atual, no início de seu texto comenta que, quando o assunto são as formas gramaticais “no que diz respeito ao seu emprego concreto na prática educacional, a questão está longe do ideal” (Ibid, p. 23). A partir disso, ressalta a importância de não distanciar semântica de estilo no trato de formas gramaticais. Ainda que ele seja bem específico na abordagem desse tema, compreende o uso da linguagem nas variadas esferas sociais em que ela é utilizada, apropriando-se de estilo nas explicações gramaticais. Se a questão do estilo fosse compreendida – ainda que isso seja complexo – como intenção e finalidade discursiva, por exemplo, poder-se-ia criar uma pedagogia diferenciada, pois o aluno seria colocado à prova nas situações em que a língua, mesmo aprendendo a variável da norma prestigiada como culta, é repleta de tonalidades, justamente porque se emancipa sob várias nuances. Assim, após o aprendizado “formal” da escola, é possível que o cidadão, no meio em que se insere, ressignifique os signos por meio da reflexão, refratando-os não necessariamente em pedantismo e preconceito, e sim, em trocas ideológicas positivas, “uma vez que a reflexão da refração da existência na consciência humana só se efetua na palavra e através dela” (BAKHTIN, 1981, p. 148).

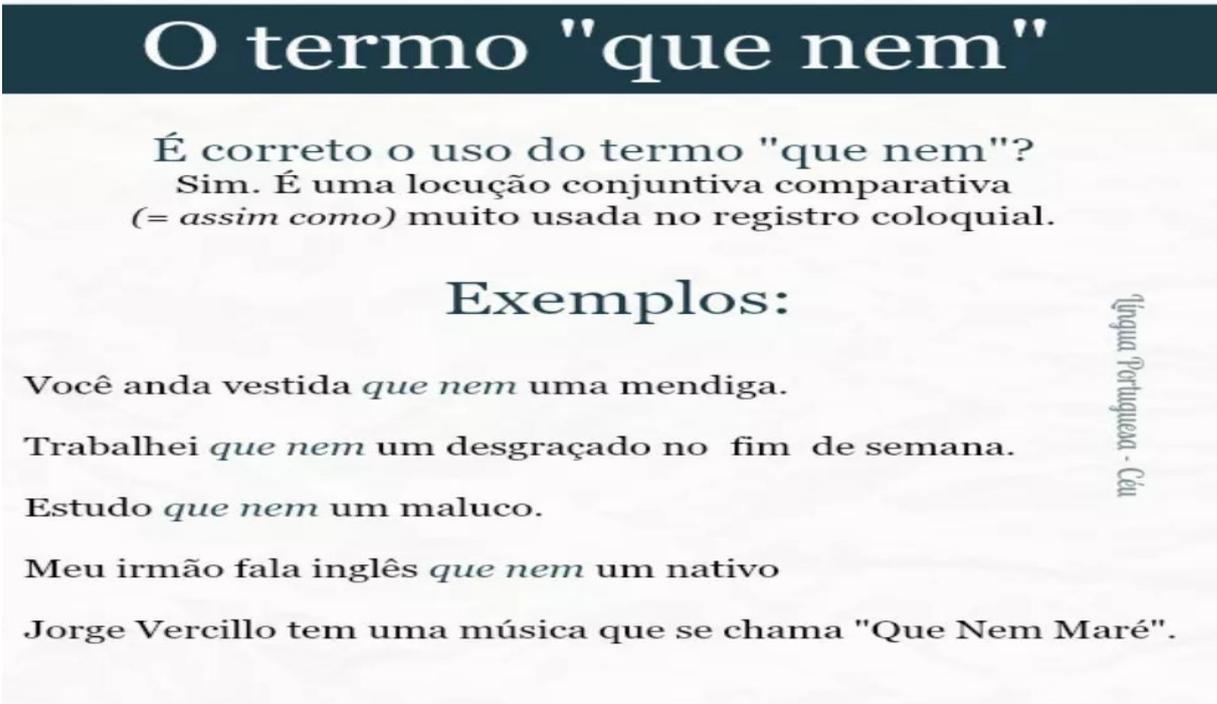
O discurso intolerante nas redes sociais

Com a finalidade de se constatar a problemática em questão, tanto do pedantismo quanto do preconceito, utiliza-se aqui, para fins de análise, alguns tópicos da perspectiva do círculo de Bakhtin a partir de imagens extraídas de contextos virtuais de comunicação, mais especificamente os da página Língua Portuguesa, criada pela professora Maria do Céu Marques Monteiro, em 2011. A *fanpage* tem cerca de 1 milhão e 800 seguidores atualmente. Em matéria virtual publicada pelo site IG (2018), introduz-se o texto com a frase “Saber escrever e falar bem é muito importante, principalmente quando faz parte do seu

trabalho ou estudo. Pensando em ajudar pessoas, a professora Maria do Céu Marques Monteiro, de 44 anos [...] a *fanpage* Língua Portuguesa”.

É possível observar nas postagens, em geral, que a autora traz reflexões e curiosidades sobre a língua subsidiados por princípios que norteiam a norma-padrão da LP. No entanto, ainda que em volume consideravelmente menor, observa-se também que há conteúdo discorrendo sobre a variação em contextos da fala, evidenciando o movimento natural da linguagem em seu uso cotidiano.

Abaixo, apresentam-se alguns exemplos de postagens para análise de material, algumas seguidas de seus respectivos comentários – os quais não foram contemplados na íntegra, já que a intenção aqui é observar os reflexos do discurso do outro no trato intolerante. Mesmo que o conteúdo seja público e utilizá-los não denigra os direitos humanos de imagem, os nomes estão censurados, em vista de a finalidade do objeto se fazer na análise do discurso em si.



The image shows a screenshot of a social media post. At the top, there is a dark blue header with the title "O termo 'que nem'" in white. Below the header, the text reads: "É correto o uso do termo 'que nem'?" followed by "Sim. É uma locução conjuntiva comparativa (= assim como) muito usada no registro coloquial." Underneath, the word "Exemplos:" is centered. Five examples are listed: "Você anda vestida *que nem* uma mendiga.", "Trabalhei *que nem* um desgraçado no fim de semana.", "Estudo *que nem* um maluco.", "Meu irmão fala inglês *que nem* um nativo", and "Jorge Vercillo tem uma música que se chama 'Que Nem Maré'." On the right side of the post, there is a vertical watermark that reads "Língua Portuguesa - Céu".

Fig. 1

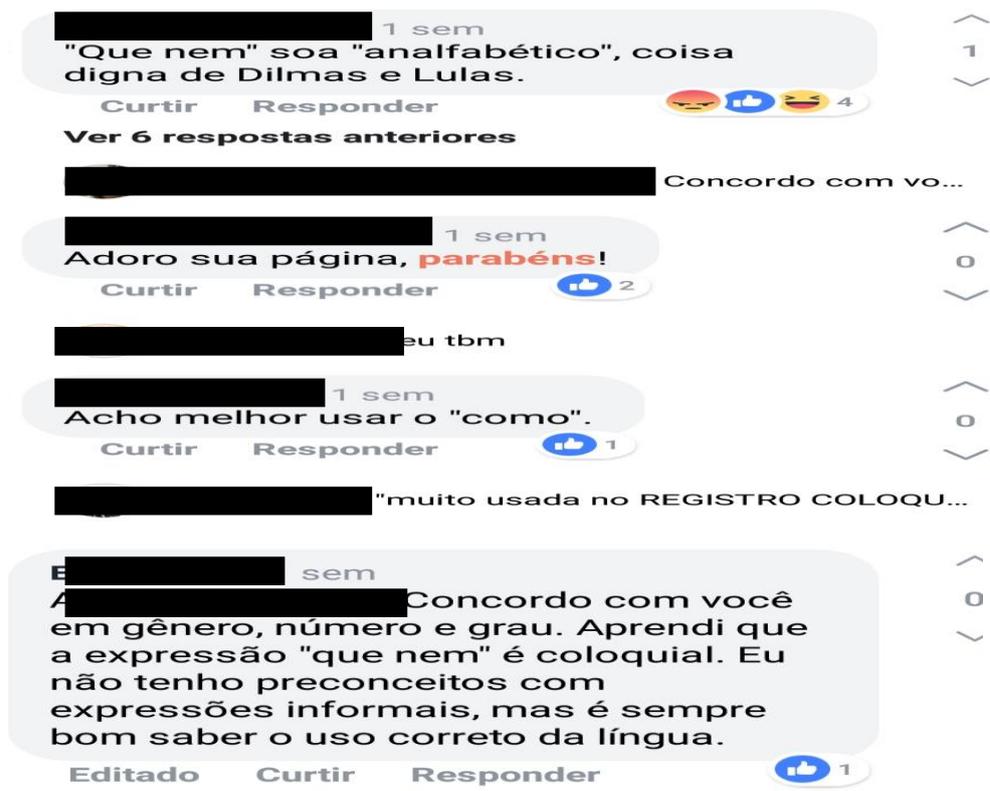


Fig. II

A autora da página, ao trazer o uso do termo “que nem” (figura I), mostra-se a par dos usos da língua, mesmo enfatizando a observação de que é uma expressão muito utilizada no registro coloquial. Corroborando com a ideia, os exemplos de frases por ela trazidos são apresentados também como mais pertencentes à variedade coloquial. Respectivamente, na maioria dos comentários (figura II), é possível perceber certa estranheza dos seguidores quanto à abordagem de “que nem”. O último deles, ao concordar com o primeiro, evidencia preconceito não apenas na esfera linguística, mas também na social e política, ao citar “Dilma” e “Lula”, ambos grafados no plural, intencionando fazer referência à fala comum do povo, devido ao fato da expressão em uso no contexto não pertencer à norma de prestígio da língua. Além disso, infere-se que o último comentário faz referência à aprendizagem formal da escola, ao dizer que aprendeu como coloquial. Diz também não ter “preconceitos com expressões informais”; no entanto, o uso de “mas” evidencia o que realmente o usuário da página pensa, contrariando a suposição anterior, ainda mais ao argumentar sobre a noção de correto. Pode-se averiguar nesse contexto os tópicos de refração e reflexo, por exemplo. BAKHTIN (1981) menciona que o signo, sempre carregado de ideologia, refrata e reflete, se

contrapõe ou concorda. Desse modo, é possível considerar que, nesse contexto dialógico, as vozes destoam quanto à abordagem inicial da autora, refratando, certamente, o que se aprende como fala de prestígio no período de escolarização.

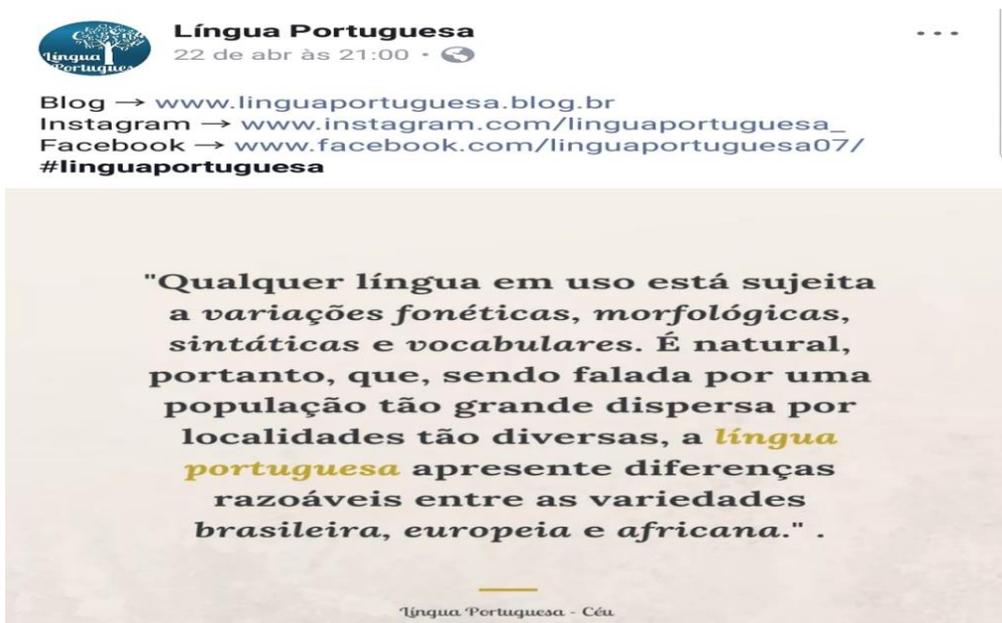


Fig. III



Fig. IV

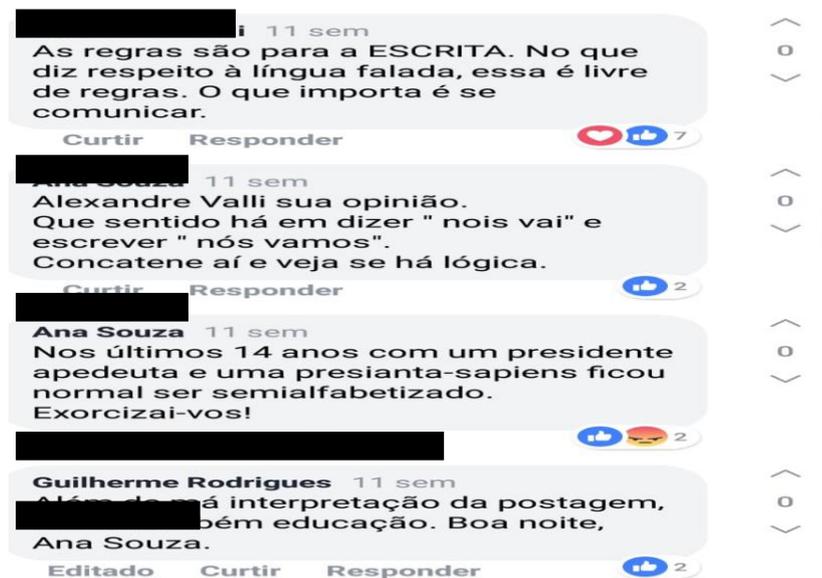


Fig. V

Ao trazer em postagem assunto referente a variações linguísticas (figura III), observam-se comentários (figuras IV e V) bem preconceituosos e pedantes dos seguidores que, a princípio, parecem não compreender a ideia que há sobre o movimento natural de uma língua. A primeira fala – figura IV – corrobora com o que tivera sido observado no Minidicionário Aurélio sobre pedantismo, quando se disse que “pedante” significa “que ou quem se expressa exibindo conhecimentos que não tem” (2009, p. 617), pois o seguidor, no comentário, propõe a VOLP como instrumento para ser seguido à risca pelo povo, sem observar que o material se trata do vocabulário oficial da língua, desconsiderando variações de âmbito fonético, morfológico e sintático. Os comentários da Figura V o sucedem, ao apresentar alguém comentando que as regras valem apenas para a variedade escrita. Aqueles que se opõem a essa ideia ignoram o que os estudiosos da corrente denominada por Bakhtin como subjetivismo individualista propõem, no momento em que em seu texto a escola de Vossler como uma das mais poderosas correntes da filosofia linguística: “a realidade da língua não é o sistema linguístico pronto, no sentido de um conjunto de formas fonéticas, gramaticais e outras existentes e herdadas, mas sim o ato criativo individual discursivo” (BAKHTIN, 2016, p. 153). Ignoram também o que o autor (Ibid, p. 298) comenta sobre as relações dialógicas não possuírem lógica, quando, na figura V, o seguidor diz “Concatene aí e veja se há lógica”. Outro momento do discurso desse mesmo

usuário, que passa de pedante para preconceituoso, ocorre quando cita 14 anos do mandato dos presidentes Lula e Dilma (Figura V). Esse subtendido, Volóshinov concebe-o como “entimema”, definindo-o em nota como “um juízo em que não se enuncia uma das premissas, mas o subentende” (VOLÓSHINOV, 2011, p. 157). Na postagem, o seguidor comenta preconceituosamente ao chamar Lula (subentendido pelo substantivo masculino “presidente”) de “apedeuta” e Dilma (inferido pelo substantivo feminino “presidenta”, construído propositalmente como “presianta”), respectivamente. Novamente, associa-os às pessoas de fala comum em contraposição à fala de prestígio. Pensando-se a formação da palavra como reflexo social, pode-se conceber que, na questão da superestrutura, encontra-se a língua de prestígio como base para argumentos de pedantismo e preconceito, em que a fala coloquial se posiciona em nível inferior, trazendo a possibilidade de se compreender a língua não só numa concepção sistêmica, como também política.

Conclusão

É fato que a língua, por ser tão heterogênea e apresentar várias nuances em seu uso, não deve ser tratada como objeto passivo de estudos gramaticais, ao passo que ela é um fenômeno, uma faculdade inerente ao ser, que se torna ativa na voz do indivíduo. Sendo assim, a linguagem pode ser utilizada de várias maneiras, seja para atacar ou para defender, para criticar ou para elogiar, para denegrir ou para valorizar, e é isso que a torna viva e incessante no contexto dialógico que, além de ideológico, é repleto de tensão na relação entre seus interlocutores.

A língua passa a ser problema também quando recai em discursos de preconceito e pedantismo, uma vez que se deseja tomá-la como objeto para julgamento interpessoal em seu uso, com base no não científico – a exemplo das normas gramaticais e de seus usos prescritivos. No início do texto, foi comentado sobre a importância de se, ao pensar a língua como ato consciente na defesa de algum ponto de vista, embasá-la, porque defini-la, em vista de sua complexidade, é tarefa difícil e que pode fazer com que seus usuários, ao

defenderem determinado posicionamento, deixem-se guiar por argumentos falaciosos.

Ao abordar o ambiente escolar como grande propulsor do preconceito linguístico e do pedantismo gramatical, não se bitola em apenas um único plano de visão. Sabe-se que a mídia, como também foi referida, é grande exemplo como influenciador do discurso. No entanto, entende-se que a escola é a base do conhecimento científico e, além disso, é nas instituições de ensino que regras, normas, conceitos são ensinados. Por isso, é importante repensar não só o sistema educacional, como também as práticas pedagógicas, pois elas, às mãos de um profissional da educação, servirão como referencial para o que se produz dentro e fora desse contexto. Falar de educação e de língua se torna semelhante, no que tange à sua complexidade, porque são variados os fatores que levam à falta de conexão entre o saber e o fazer. Uma possível reavaliação nesse sistema viria de bom grado, tanto nos cursos de licenciatura em Letras – que ainda discutem bastante a gramática como ponto de partida – como no remanejamento dos profissionais da educação. Conforme abordado, os PCN's já mostraram preocupação frente a isso, e algumas propostas de ensino tiveram modificações, mas a realidade é que os professores ainda se mostram engessados no trabalho com a língua, pois lhe dá ênfase mais objetiva do que reflexiva.

Trazer Bakhtin para levantamento de argumentos a respeito da língua “in actu” é repensar a linguagem não como objeto da língua, mas sim como fenômeno sujeito de estudo, análise e reflexão. Uma linguística, que geralmente visa à descrição e à teorização, ainda não é o suficiente para o trabalho com as interações discursivas, em vista de sua diversidade e pluralidade de expressões. Devido a isso “tendo como base o arcabouço teórico-metodológico desenvolvido por Bakhtin e seu Círculo, é válido destacar a proposta de uma ‘metalinguística’ para tratar o discurso [...]” (DI FANTI, 2012, p. 310).

A escolha pela rede social Facebook não se deu em vão. Além de ser uma ferramenta mais rápida e de grande uso, é um espaço em que as pessoas se sentem bastante à vontade para manifestar aquilo que no convívio real forçam certo comedimento. Além disso, observa-se que o cultivismo pela noção de belo, correto e adequado – crenças que se têm na concepção de usos da

linguagem no que confere à norma-padrão e à variedade de prestígio – não ocorre apenas em materiais impressos, a exemplo também dos livros didáticos, que conduzem a aprendizagem, muitas vezes sem se dar conta, a posições politicamente preconceituosas, mas acontece também em meios virtuais. Assim como os jornais e as revistas de editoriais impressos, que, no decorrer dos anos, têm tido seu público migrando para o que é publicado em páginas virtuais, bem como a língua que já não é mais utilizada como em outrora, a internet também se tornou um meio de relações dialógicas. Exemplo disso é o “internetês” e sua variedade própria e única.

Por fim, materiais como esses, compilados para análise, só corroboram para ideia de que a concepção de língua ainda está arraigada a pilares muito antiquados de uso. Isso se torna negativo quando utilizado para fins de julgamentos intolerantes. Não só reflexões se fazem importantes, mas também atitudes. Acredita-se que, com isso, sob os meios de maior influência social, seja possível que discursos de incompreensão, ódio, preconceito e desrespeito possam ser aos poucos repensados e, por conseguinte, desconstruídos para em seu lugar haver harmonia, uma vez que a linguagem é o principal instrumento de atividade e interações humanas.

IMPACTS OF A NORMATIVE GRAMMAR BASED EDUCATION IN HATE DISCOURSES IN SOCIAL NETWORKS: A FEW TOPICS OF DISCOURSE ANALYSIS UNDER THE PERSPECTIVE OF BAKHTIN CIRCLE

Abstract: Defining language is a very complex task and it's even more difficult to conceptualize it when it's involved in the daily discursive acts. It's know that there are several branches of grammar and linguistics that are trying to theorize it, and we can comprehend from this fact that the individual can utilize it for a number of purposes, in fact it can be used to attribute stereotypes to other language users based in they linguistics choices. Therefore, this paper aims to argument about the concept of language, furthermos, it aims to extract what can be reflected and refracted from it's ideia in the dialogic discourse in the activities that this phenomenon happens, specially in the social networks, where this paper will focus. Starting from some topics of Bakhtin Circle, it has been compiled some screenshots from the facebook page Língua Portuguesa to be analysed in order to verify the hate speech and pedantry as a reflex of the discourse from early discourses, as, for example, the normative grammar and the teaching staff that disseminates it as the only true way of expression. In the face of the observations, it's believed that the teaching of grammar might be the spokesman in the do and say of the teachers, bringing its normative variant to the students, bringing along reflections in their ordinary actions with a notion of write and wrong. Yet it's possible that there is significative changes in the moment that the language is re-evaluate, not as mere code system, but as individual and continuous discursive acts that get in on the socioideological organization it is located.

Keywords: Language. Social network. Prejudice. Education. Discourse.

Referências

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.

_____. *A catástrofe dos cursos de Letras*. Publicado originalmente na Revista Caros Amigos. Disponível em: Acessado em 28/08/2012.

_____. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2002.

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V. N.). *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1981.

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Org., trad., e posf. de Paulo. Notas da edição russa: Seguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2016.

_____. *Questões de estilística no ensino de língua*. Trad, posf. e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Apres. de Bath Brait. Org. e notas da edição russa de Serguei Botcharov e Liudmila Gogotichvíli.

CHOMSKY, Noam. *Knowledge of language, its nature, origin and use*. New York: Praeger, 1986.

DI FANTI, M. G. Linguagem e trabalho: diálogo entre a translinguística e a ergologia. *UPF, RS*, v. 8, n. 1, p. 309-329, 2012.

FERREIRA, A. B. H. *Mini Aurélio: o dicionário da Língua Portuguesa*. 7. Ed. Curitiba: Positivo, 2008.

LABOV, William. *Principles of linguistic change: cognitive and Cultural Factors*. Malden & Oxford: Wiley-Blackwell Publishers Inc., 2010.

MACEDO, W. K. L. *Por Saussure e Bakhtin: concepções sobre língua e linguagem*. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras). PPGL: Linguagens e representações, Universidade Estadual de Santa Cruz, BA.

MARCONDES, Iara Lucia. *Os consultórios gramaticais: um estudo de preconceito e intolerância linguísticos*. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras). Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, SP.

MEIA Hora de notícias. *Professora de Português cria fanpage e blog*. Disponível em: <<https://meiahora.ig.com.br/geral/mundo-e-tecnologia/2018/03/5521937-ligado-no-idioma.html>>. Acesso em: 10 jul 2018.

MONTEIRO, M. C. M. *Língua Portuguesa* (página Facebook). Disponível em: <www.facebook.com/linguaportuguesa07/>. Acesso em: 08 jul 2018.

NASI, Lara. O conceito de língua: um contraponto entre a Gramática Normativa e a Lingüística. *Uratágua*, PR, n. 13, 1-9, 2007.

PEDANTE. In: *PRIBERAM Dicionário*. Lisboa, Priberam Informática. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/pedante>>. Acesso em: 08 jul 2018.

RODRIGUES, R. S. V. Saussure e a definição da língua como objeto de estudos. *ReVEL*, Goiás, n. 2, 2008.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2002.

SCHWINDT, Carlos Luiz. *Gramática: entre o saber e a disciplina*. *Ciências & Letras*, Porto Alegre, n. 45, p. 219-229, 2009.

Data da Submissão: 25/10/2018

Data da Aprovação: 17/12/2018